

revista TRAÇOS

ANO 3
EDIÇÃO 2

MAIO 2020

www.clinicafreudiana.com.br



O real da clínica: o que (l)ssso quer dizer?

Sumário

ARTIGOS

Depressão e angústia na clínica atual..... 04

Ana Cecilia Crispim Silva

O desejo insípido na clínica atual..... 10

Roberta Augusta B. C. Paravidini

(Des)caminhos da angústia na atualidade..... 16

Shnaider Alves Santos

O real na clínica do autismo e na melancolia..... 23

João Luiz Leitão Paravidini

Elucidações sobre o seminário 6 de Jacques Lacan: uma janela para o Real?..... 29

Margarete A. Domingues

“Será, que será?
O que não tem certeza nem nunca terá
O que não tem conserto nem nunca terá
O que não tem tamanho... Será, que será?
O que não tem decência nem nunca terá
O que não tem censura nem nunca terá
O que não faz sentido

... O que não tem governo nem nunca terá
O que não tem vergonha nem nunca terá
O que não tem juízo”

O que será (À flor da pele), Chico Buarque

Não parece sem consequências o fato de nosso segundo número da Revista Traços ter se formado a partir de, pelo menos, dois aspectos: primeiro, o tema, que nos surgiu pelas ressonâncias do debate sobre os três registros, os nós; segundo, o momento político que atravessamos e que estava em seu auge no momento de nosso Encontro Anual, no qual os trabalhos do ano foram apresentados e discutidos. Esta Revista pode ser mais bem aproveitada se nos atentarmos para esses dois pontos.

De maneira mais ampla, podemos resumi-los e dizer que o Real nos fez furo e nos lançou ao trabalho. O tema árduo, por vezes complicado, do enlaçamento do Real, Simbólico e Imaginário, certamente nos fez esbarrar na conceituação do Real, sempre mais difícil e fugidio em sua definição. E a Política, em todas as suas dimensões? É sempre de Política que se trata, pois estamos às voltas com o que é da ordem do governável e do ingovernável. Diríamos que o que nos põe a trabalho é o que não tem governo nem nunca terá: essa, uma definição que, infelizmente, Lacan não tinha em mãos, e que vem da nossa pólis e pela boca de um de nossos poetas.

O Real nos alcança desde dentro. Significa dizer que o Real não se traduz como sendo os acontecimentos da realidade externa, embora estes, certamente, possam nos dividir e furar nossa rede de significantes, redes simbólicas e imaginárias, provocando em nós o sem sentido, a angústia. O Real não tem decência nem juízo. Decência e juízo são do campo simbólico e nos auxiliam na vida à semelhança de uma rede de segurança. Falhando isso, estaremos em vertigem. O que não é exatamente um problema, embora devesse ser uma questão ou nos por em questão enquanto sujeitos.

A Psicanálise tem, desde suas origens, certo fascínio por ele. Um dos nomes do Real é pulsão, pulsão de morte, um dos conceitos mais fundamentais na teoria de Freud. Ora, se o campo do humano, por excelência, é o da palavra, do simbólico, não importa menos o do Real. Apesar de ter sido causado pela palavra, ele também é causa da palavra, um entrelaçamento que a faz surgir em toda sua (im)potência e que nos faz produzir novos sentidos e novos significantes.

Portanto, os trabalhos aqui publicados poderão ser lidos por essa vertente do que fez furo em cada autor. Lá onde nossos saberes não foram suficientes nem eficientes, lá onde nossa clínica interrogou a teoria, lá onde nossos laços se desfizeram, graças ao Real, ironicamente, graças a ele, pudemos produzir algo.

Esperamos que os textos causem também os leitores.

Depressão e angústia na clínica atual

Ana Cecilia Crispim Silva¹

Resumo

Este trabalho foi guiado por questionamentos levantados a partir do atendimento clínico de sujeitos que se nomeiam ou são nomeados “depressivos”. Para isso, algumas perguntas são norteadoras: o que diz a psicanálise sobre a depressão? Todo sujeito que cede do próprio desejo, é um deprimido? Dedicar-se ao estudo da angústia é um caminho esclarecedor sobre a depressão? Para Lacan, a depressão surge porque o sujeito se acovarda frente ao seu desejo, abrindo mão deste. Para Maria Rita Kehl, está associada ao desejo saciado. Não é a falta que motiva a depressão, pois é ela que estimula o desejo e o trabalho psíquico. Há um direcionamento da análise desses pacientes? Se ao depressivo falta coragem de desejar, essa falta de desejo está ligada ao vazio dele. Então, se há um caminho, penso que, provavelmente, seja pela via do fazer aparecer o desejo, colocando-o em cena, auxiliando o sujeito na sua forma de lidar com a castração, e uma tentativa de aceitar responsabilizar-se por sustentar o próprio desejo.

Palavras-chave: psicanálise, depressão, angústia, desejo.

A grande quantidade de casos que têm chegado ao consultório e as semelhanças entre eles fizeram surgir um interesse pela temática, o que justifica o estudo a ser abordado neste trabalho. São queixas como: “tenho depressão, não sei mais o que fazer”; “Me sinto mal, a vida não tem sentido para mim”; “Me sinto tão angustiado, e nem os remédios aliviam”, entre outras.

A partir disso, alguns questionamentos foram elaborados para orientar este trabalho. O que diz a Psicanálise sobre a depressão? Para a Psicanálise, o “sinal” da depressão é a ausência de desejo? Todo sujeito que cede do próprio desejo é um deprimido? Dedicar-se ao estudo da angústia é um caminho esclarecedor sobre a depressão?

Para Maria Rita Kehl (2009), a depressão está associada ao desejo saciado. Não é a falta que motiva a depressão, pois é ela que estimula o desejo e o trabalho psíquico. O sofrimento do depressivo não é

¹ Psicóloga formada pela Universidade Federal de Uberlândia, psicanalista, membro da Associação Clínica Freudiana.
anaceciliacrispim@hotmail.com

devido a não obter aquilo que deseja, pois ele não deseja nada. Para Lacan (1993), a depressão surge porque o sujeito acovarda-se frente ao seu desejo, abrindo mão deste.

Antonio Quinet (2002), ao falar sobre a depressão e a tristeza, a última como um afeto correlato à dor de existir, afirma que se trata de extravios do desejo:

O tristonho, seja ele deprimido ou melancólico, é aquele que não se orienta no inconsciente e cujo desejo se encontra extraviado. Mais precisamente, aquele que permanece desorientado em relação ao desejo inconsciente. Ele maldiz o desejo; sobre ele, nada diz e nada quer saber (p.09).

Há um direcionamento da análise desses pacientes? Segundo Kehl (2009), ao depressivo falta coragem de desejar; essa falta de desejo está ligada ao vazio do depressivo. “A covardia do depressivo consiste em recuar da posição desejante e dos desafios fálicos que a realização de desejos exige” (p. 263). Então, se há um caminho, penso que, provavelmente, seja pela via do fazer aparecer o desejo, colocando-o em cena, auxiliando o sujeito na sua forma de lidar com a castração, e essa é uma tentativa de aceitar responsabilizar-se por sustentar o próprio desejo.

Tavares (2010) aponta que há diferenças entre o que a Psiquiatria toma em consideração no diagnóstico da depressão e o que a Psicanálise propõe. Esta remete a uma lógica subjetiva, ao que é de cada sujeito, ao que Freud propõe com relação às estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão). As estruturas estão baseadas nas defesas privilegiadas pelo sujeito e sobre como ele se posiciona diante da castração, da falta, da angústia, além de considerar os laços sociais e as relações com os outros. Em Psicanálise, o diagnóstico não se baseia em sintomas, como na Psiquiatria, mas sim em como o sujeito lida com o próprio desejo e, conseqüentemente, com o desejo do Outro.

No livro *O tempo e o cão*, Maria Rita Kehl (2009) faz uma proposição sobre o momento do atravessamento do Édipo em que o sujeito neurótico encontra a saída pela via da depressão, antes mesmo de uma saída pela via da histeria ou da neurose obsessiva. Para ela, essa posição depressiva é uma escolha (no sentido freudiano) que se dá a partir do momento do Édipo em que o sujeito se retira da rivalidade fálica com o pai e prefere recuar, ficando com a proteção materna. Com isso, o depressivo defende-se mal da castração: “Ao invés de enfrentar a rivalidade fálica, na tentativa de reverter os efeitos da perda que já ocorreu, os depressivos “escolhem” permanecer na condição de castrados” (KEHL, 2009, p. 15). O gozo de ficar sob a proteção materna custa ao sujeito a impotência, o abatimento e a inapetência diante da vida.

Esse sujeito, empobrecido de defesas imaginárias contra a castração, é também o que carrega o vazio de sentido, com isso, apesar de parecer conformado com a sua castração, na verdade não a percebe como motor e causa de seu desejo.

Lembro-me de um paciente que chegou queixando-se do seu estado depressivo. Após algum tempo, relata estar sentindo um vazio sem fim, uma angústia diante da vida, “é como se tivesse um buraco,

um armário vazio, que não há nada que faça esse armário ficar preenchido. Eu tento encontrar coisas para colocar lá dentro, mas parece que nada basta, não tem uma coisa que me faça sentir completo, pleno. Será que existe essas coisas todas? Ou eu vou ter que aceitar que é assim mesmo?”.

Para Siqueira (2007), o depressivo entristece para não precisar se deparar com a castração, assim gera uma perda libidinal, uma perda de prazer. Ao neurótico, resta a possibilidade de lidar com a castração, com a falta, já que pode ser esta a via de fazer emergir o desejo. No entanto, não é essa forma que o depressivo escolhe.

Lacan (1959), citado por Kehl (2009), afirma que o sujeito que deprime é aquele que sofre da única culpa justificável, a culpa por ceder de seu desejo (desejo inconsciente, de objeto perdido).

O que chamo ceder de seu desejo acompanha-se sempre, no destino do sujeito, [...] de alguma traição. Ou o sujeito trai sua via, trai a si mesmo [...] ou, mais simplesmente, tolera que alguém com quem ele se dedicou mais ou menos a alguma coisa tenha traído sua expectativa, não tenha feito com respeito a ele o que o pacto comportava, qualquer que seja o pacto [...], pouco importa. Algo se desenrola em torno da traição, quando se a tolera, quando, impelido pela ideia do bem – quero dizer, do bem daquele que traiu –, se cede a ponto de diminuir suas próprias pretensões e dizer-se – Pois bem, já que é assim, renunciemos à nossa perspectiva [...]. Aqui, vocês podem estar certos de que se reencontra a estrutura que se chama ceder de seu desejo (p.59).

Muitos autores, ao abordarem essa temática, fazem algumas diferenças entre a depressão e a melancolia. Quinet (2002), retomando Freud (1917) em “Luto e Melancolia”, localiza a melancolia do lado da psicose e diz que o melancólico é aquele que evita a dor de existir. Sobre essa dor, que aponta também para a falta estrutural de todo ser, o autor questiona se ela precisa sempre doer. Nas vezes em que o sujeito for confrontado com perdas durante a vida, há de remeter à dor da falta. A arma para dar conta desta é o desejo. O depressivo, que cede do seu desejo, transforma essa falta em falta moral, surgindo a culpa.

O que era falta vinculada ao desejo se transforma em falta moral, e o sujeito se sente triste e culpado. O sentimento de culpa é o índice do supereu que vigia, critica e pune o sujeito. O resultado é a auto depreciação e a auto-acusação. O sujeito se sente culpado de sua impotência, pois ele sente o impossível como impotência, corno se ele pudesse fazer alguma coisa, e *não desse conta*. O não dar conta é sempre a queixa do impotente, o que na verdade é um *prestar contas*. O sujeito está sempre aquém das contas que ele tem de prestar aos olhos do ideal, e seu credor é o supereu. Fazer as contas, ou acertar as contas, é realizar que o que ele se julgava impotente para resolver é impossível. A passagem da impotência (que corresponde à falência do desejo) ao impossível marca a saída da depressão. Trata-se da passagem do "eu não dou conta" do deprimido a "o que não tem remédio, remediado está" da castração assumida pelo sujeito (Quinet, 2002).

Também, para diferenciar o sujeito da depressão do sujeito da melancolia, Kehl (2009) faz uma discussão a respeito de suas mães. A do melancólico é percebida pela criança como um ser completo porque prescinde dele para sua satisfação, é uma mãe onipotente. Quanto à identificação fálica, também há diferenças. O sujeito precisa ter ocupado o lugar de significante do objeto que falta à mãe para depois

poder perder este lugar (no complexo de Édipo). Na melancolia, o Outro (sem dar um lugar ao bebê) impede que essa identificação ocorra. Então, o bebê não se identifica com o falo, mas quase como dejetivo, como objeto *a*. Já no caso da depressão, essa identificação fálica ocorre, a criança sente-se o falo da mãe. O depressivo sabe da sua castração, mas não a simbolizou; lida com esta de forma dolorosa e até com vergonha e impotência. Ele se fixa na ideia de ser “aquele que nada pode”.

Ainda seguindo na tentativa de explorar os questionamentos por mim levantados, aqui faço uso do esclarecimento feito por Kehl para diferenciar os episódios depressivos na neurose obsessiva e na histeria, da depressão como posição do sujeito. Na neurose obsessiva, pode ocorrer devido a uma falha no investimento dos ideais, em que o sujeito questiona seu valor para o Outro materno. O obsessivo pode sofrer pela perda do amor ou pela condenação do supereu (muito exigente). Para eles, é possível remeter-se, em situações da vida, à rivalidade com o pai, na qual ele fracassou, e se sente em dívida consigo mesmo. O obsessivo, nas tentativas de atender as supostas demandas do Outro, desperdiça sua vida e priva-se de usufruir de sua possibilidade desejante. “Daí o desânimo, as alegadas ‘insegurança’ e ‘falta de amor próprio’, assim como a ansiedade com que os obsessivos encaram os desafios mais simples da vida e que os torna tão pouco confiantes em relação à alegria de viver” (Kehl, 2009, p. 209).

Na histeria, esses episódios aparecem como consequência da perda do amor, aquela que é sempre uma grande aposta da histérica. Na tentativa de driblar a castração, ela (ele) se oferece como objeto de amor para o outro; tenta se fazer falo (significante da falta no Outro); tenta encontrar um homem que a faça ser tudo no desejo dele. Daí o risco de cair do lugar de “ser tudo” para o de “nada ser” para o Outro. Isso explica porque na histeria a depressão é uma devastação do sujeito.

Ainda uma importante diferença entre as depressões nas neuroses e a depressão como posição do sujeito: a relação entre a demanda (do Outro) e a angústia. No neurótico, a demanda resulta do “uso falacioso do objeto na fantasia”, que consiste em “transportar para o Outro a função do *a*”. O neurótico defende-se da angústia de castração ao reverter a lógica que sustenta seu desejo em troca de, supostamente, atender à demanda do Outro. O objeto *a* que mobiliza sua fantasia, escreve Lacan, é um *a* “posticho” de que ele se serve para atrair a demanda do Outro. Se tal operação funciona para evitar a angústia de castração, isto não significa que o neurótico não corra o risco de pagar o preço com outra forma de angústia, muito mais custosa, aquela que é angústia para valer: a que acomete o sujeito ante à possibilidade de ser tomado como objeto do Outro. O depressivo já está submetido a essa angústia logo de saída, não em função de uma operação defensiva semelhante à do neurótico, mas em função do lugar que o Outro lhe conferiu em sua economia libidinal. É por não querer abandonar esse lugar que o sujeito paga o preço da depressão, que inclui a angústia de ser engolido pelo Outro. Parte da imobilidade do depressivo pode ser entendida como uma frágil estratégia de evitamento da angústia: ele se encolhe, se imobiliza, recusa-se a mostrar seus atributos, a emitir o menor sinal que possa atrair sobre ele a voracidade do Outro (Kehl, 2009, p.213).

Nesse ponto, creio ser válido abordar um pouco a temática da angústia, uma das causas do abatimento do paciente depressivo. Lacan (1962-1963) afirma que a angústia trata-se de um afeto, um afeto que não engana. Sonia Leite (2011), psicanalista, em seu livro dedicado à temática, retoma Freud ao

dizer que a angústia é sempre angústia de castração, pela constatação da ausência de objeto. Para ela, onde se ausenta o desejo, emerge a angústia, isso explica a relação da depressão com a angústia.

A angústia está intimamente ligada a algo do Outro (demanda, desejo e gozo), é o momento de emergência da questão: o que queres? O que o Outro quer de mim? O que sou para o Outro? Um ponto de partida é a ideia de que o ser humano é marcado desde o início pelo desamparo e pela dependência do Outro. O desejo é desejo do Outro – o sujeito constitui-se como humano, como ser de linguagem, a partir do desejo do Outro. O que torna o bebê um humano é o fato de o Outro ser necessariamente falho nos cuidados, possibilitando a transmissão e a percepção da sua incompletude. É essa a dimensão da angústia de castração.

Leite (2011) define que a angústia é a vivência que põe em cheque qualquer verdade, mostrando a divisão do sujeito, sua incompletude constitutiva e a importância do desejo como movimento da vida. Para Lacan (1962-1963), a angústia não é sem objeto, mas refere aqui ao objeto *a* (o resto); trata-se do momento em que falta a falta, ou seja, falta o desejo.

A angústia do depressivo não é convocada por um objeto que se apresente para seu desejo, mas pela ameaça permanente de ser tomado, ele próprio, como objeto do Outro – esse que supostamente sabe mais do sujeito que ele próprio; esse que ocupa o vazio de onde o sujeito deveria advir (Kehl, 2009, p. 230).

De forma leve e simples, a partir de algumas leituras, me questionei sobre o que movimenta os sujeitos, o que faz querer, planejar e esperar o futuro. Talvez a fantasia ou a ilusão de que algo de interessante e prazeroso está por vir, mesmo que seja algo pequeno e já conhecido. Ao sujeito depressivo talvez falte, também, essa esperança, essa aposta, essa vontade de desejar. Sobre isso, Kehl (2009) aponta que

A produção imaginária nos depressivos é escassa; a pobreza das formações imaginárias deixa o sujeito à mercê do vazio psíquico. O depressivo, que recuou de sua posição fantasmática, teme a fantasia, portadora de notícias sobre seu desejo. Ao contrário dos neuróticos “comuns” (a não ser nas ocorrências em que se deprimem), o depressivo imagina pouco e, quando ousa fazê-lo, logo descrê da fantasia. O vazio depressivo é tributário dessa recusa em fantasiar: o depressivo se vê abatido pelo desejo recusado, que por isso não se articula através da fantasia e só se manifesta pela via da angústia. O desencantamento do depressivo em relação ao mundo resulta desse vazio de significação. [...] A passagem por uma análise deve restituir a esse que se instalou em um mundo desencantado a possibilidade de sonhar, de recordar e também de fantasiar, pois a fantasia é o suporte do desejo (p. 232).

Esse vazio não é devido a uma mãe pouco ligada ao bebê, pelo contrário, é pela pouca exigência demandada a ele, já que a mãe ansiosa dessa criança não se permite demorar para atender a tudo, mesmo os pequenos desconfortos, “O depressivo sofre dos efeitos da pressa do Outro” (KEHL, 2009, p. 238). A fantasia materna é que o seu bebê é incapaz de suportar o desprazer. O bebê é subestimado diante da

potência da mãe, a única capaz de satisfazê-lo. Talvez esse ponto explique o sentimento de impotência do sujeito depressivo, que foi muito poupado de ter que lidar com a ausência do Outro.

Um caminho possível de análise desses pacientes é levá-los a vislumbrar a ideia de que o Outro é apenas simbólico, sem demandas a ele. Com isso, pode ser possível fazer com que o desejo do sujeito direcione suas escolhas que até então estavam embasadas na demanda do Outro (imaginada por ele).

Lembro-me de outro paciente, obsessivo, que relatava ter passado um dia todo pensando como se comportaria em um evento, pois fizera uma análise minuciosa de cada pessoa que estaria com ele e, tentando deduzir o que cada uma delas poderia querer dele, formulou que tipo de companhia deveria ser para cada uma. A conclusão, até óbvia, por parte dele é que ele mesmo poderia não conseguir ser tudo aquilo que pensava que deveria ser. E mais, eu questioneei: quem garante que era aquilo mesmo que as pessoas queriam?

Por fim, com esses estudos, levantei a dúvida sobre a postura do analista diante desses sujeitos, que chegam tristes, angustiados, sensibilizados, chorosos, desamparados, etc. Ao que parece, alguns procuram consolo, conforto, colo, acolhimento. Ao analista, cabe oferecer um espaço para a fala, sem pressa, sem demandas, sem julgamentos. Uma fala que pode dar indícios de algum possível desejo.

REFERÊNCIAS

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, J. **O seminário, livro 10: A angústia** (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005

LACAN, J. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

LEITE, S. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

QUINET, A. **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

SIQUEIRA, E. S. E. A depressão e o desejo na psicanálise. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. V. 7, n. 1. 2007. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10949/8663>>. Acesso em: 02 out. 2019.

TAVARES, L. A. T. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

O desejo insípido na clínica atual

Roberta Augusta B. C. Paravidini²

Resumo

O presente artigo decorre de uma apresentação oral realizada no encontro anual da Associação Clínica Freudiana com o tema “O real na clínica psicanalítica”. Nela parti de experiências clínicas com jovens analisandos em que se fez ressaltar o que chamei de “desejo insípido”. Busquei articular tal posição clínica com elementos trazidos de um percurso de cartel sobre a formação do psicanalista e sua posição na clínica, no intuito de formular orientações para a direção do tratamento a partir da noção de objeto a como causa do desejo, mais ainda, como determinante último da posição do sujeito.

Palavras-chave: clínica psicanalítica; posição do analista; objeto a ; desejo.

A questão que me propus a trabalhar neste artigo trata de um fenômeno que elegi como privilegiado ao buscar as formas de apresentação do real na clínica e ante as quais está em questão a posição do analista e as possibilidades de operação a partir dela. Chamei de ‘desejo insípido’ esse fenômeno que tem se apresentado com certa frequência em sujeitos que procuram análise por diferentes motivos, mas que, em geral, me fizeram evocar a essa imagem de um desejo morno, insípido, incolor e inodoro.

Noto, nos casos em questão, a prevalência de certa “desimplicação” subjetiva ante as manifestações sintomáticas, pouca ou quase nenhuma historicidade e aparente fragilidade no laço com o outro. Também, noto, na tentativa de construção dos casos e da direção do tratamento, certa aproximação com quadros melancólicos, seja pelo pouco investimento libidinal nos objetos do mundo seja pela presença de um “gozo sígnico” (“*é por isso que sou assim*” – como disse um analisando). Aproximam-se, ainda, dos quadro inibitórios, em que se faz presente um semblante de resignação (“*eu sou assim mesmo*” – disse-me outro). Embora os casos em questão guardem semelhanças com tais condições clínicas, busco, no presente artigo, construir uma questão que não se encerre no debate estrutural diagnóstico, mas antes

² Psicanalista. Membro da Associação Clínica Freudiana.

ofereça elementos para pensar a posição do analista bem como a orientação do trabalho de uma análise nessas condições.

A princípio, ao apresentar esta condição clínica a que chamei de desejo insípido, cabe enfatizar e sustentar a presença da marca desejante nesses sujeitos. Ele não é inibido, ausente ou débil. Mas é sem sal, falta gosto. Qual manejo clínico possível nessa condição?

Se a clínica psicanalítica se sustenta na ética do desejo, no deciframento do sintoma, na travessia da fantasia a partir da suposição de um saber no analista, como operar com esse desejo insípido? Se esse percurso se instaura a partir da posição do analista como causa de desejo, semblante do objeto a , de que lugar pode ser possível uma análise em que parece não haver um enlaçamento desejante? É sabido que a clínica, na atualidade, tem indicado a necessidade de nos orientarmos por outros operadores clínicos que não destituem a ética do desejo tampouco o deciframento do sintoma. O que proponho é pensar o que é conhecido como a 'clínica do real' ou a clínica do "mais além do pai" tal como Lacan nos indica, a partir da noção de causa em torno do objeto a . Vale lembrar que a expressão "mais além" não significa uma evolução nem um desenvolvimento da teoria, mas "retificação e redistribuição das relações de determinação"³ (EIDELSZTEIN, 2016, p. 65). Tomemos, então, o objeto a , o objeto causa de desejo e de gozo, como determinante último da posição do sujeito.

Partindo desses dois operadores, o desejo e o objeto que o causa, busco, no ensino de Lacan, elementos que orientem o que pode estar em jogo no que nomeei desejo insípido. Fez-se necessário percorrer, mesmo que brevemente, as formulações lacanianas em torno do objeto a , "a rocha de que fala Freud, a reserva derradeira e irredutível da libido" (LACAN, 1962-1963, p. 121).

Considerado por Lacan como a única invenção genuinamente lacaniana, o conceito de objeto a se faz presente em toda a sua obra: como objeto causa do desejo, objeto da pulsão, como resto da operação de divisão do sujeito, o lugar a ser ocupado pelo analista, mais-de gozar e como centro dos três registros (real, simbólico, imaginário). São diferentes modos de apreensão, não excludentes, mas que apontam a opacidade do conceito.

Em Freud, o objeto da pulsão é aquele desde sempre perdido em torno do qual a pulsão vai criar seu circuito, partindo da falta e retornando ao seu ponto de origem, satisfazendo-se parcialmente, já que não existe na realidade nenhum objeto capaz de responder a esse vazio originário. Por meio desse circuito pulsional, dessa busca pelo objeto, é que Freud localiza a fonte do desejo e da satisfação. Como ele afirma em *A interpretação dos sonhos*, "nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho anímico em ação" (FREUD, 1900/1987, p. 517). Podemos apreender daí o objeto causa de desejo, o motor que fará com que o sujeito dirija sua pulsão aos objetos parciais do corpo e depois do mundo, em busca de satisfação. Assim,

³ Tradução livre.

para Lacan, a falta está na origem do desejo, é causa e condição de possibilidade dele articulando-o ao conceito de *Das Ding*.

A outra vertente do objeto que destacarei neste trabalho é a de resíduo, resto da constituição subjetiva na operação da divisão do sujeito. Lacan faz uso do grafo do desejo e do esquema ótico para transmitir essa operação de entrada do sujeito no campo do Outro da linguagem, seu assujeitamento e os efeitos que daí podemos extrair. Não cabe, no presente artigo, o detalhamento desses esquemas tão ricos, mas podemos acompanhar como Viola e Vorcaro (2009) a descrevem:

No princípio era o verbo. Lacan traduz: no princípio é o traço unário. A anterioridade do campo significante, de onde se constitui o sujeito. Dessa operação de divisão, correlata a entrada na linguagem, resta um resíduo. Algo que não entra no domínio do simbólico, que não é abarcado pelo condicionamento da linguagem. Essa parte do indivíduo anterior ao sujeito que fica de fora do simbólico é o objeto *a*. (VIOLA e VORCARO, 2009, p. 874).

Em seu seminário de número 10, Lacan avança na elaboração do conceito de objeto *a* como resíduo, ao mesmo tempo em que evidencia seu caráter de anterioridade ao sujeito. Ele é anterior ao sujeito porque vem do Outro. O objeto *a* é a garantia da alteridade do Outro (Lacan, 1962-1963).

Esse *a*, como resíduo da operação de constituição do eu, que podemos vislumbrar também no estádio do espelho, Lacan chama de reserva libidinal:

esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. **Ele é um alimento que fica ali para animar, eventualmente, o que intervirá como instrumento na relação com o outro, o outro constituído a partir da imagem de meu semelhante, o outro que perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é o parceiro sexual** (LACAN, 1962-1963, p.55) (grifo meu).

Destaco esta última frase da citação de Lacan, pois pareceu-me crucial para articular a questão que aqui proponho. Temos, então, o objeto *a*, objeto da pulsão, causa do desejo, anterior ao sujeito, situada no lado do Outro. Ele é um alimento que fica ali para animar! Para “causar”! E o que acontece quando ele parece não animar tanto assim? Quando falta sal nesse alimento e o sujeito não se apetece? Nos casos a que faço referência neste trabalho, os sujeitos constituíram-se como tais, são neuróticos, mas a causa se faz amornada. Como situar a relação desses sujeitos com o objeto *a*? Como esses sujeitos estão se posicionando quanto ao “que o Outro quer de mim”?

Essas questões giram em torno da dialética da demanda e do desejo, que conferem ao Outro seu estatuto de *Á* (Outro barrado), de uma falta de significante ante o que o bebê cede a esse Outro para tentar preencher a sua falta. Esta é a libra de carne arrancada do seu corpo – achado feliz de Lacan na obra de Shakespeare – cuja perda constituirá, a partir de então, o motor de uma busca incessante (TEIXEIRA,

2016). É como resposta ao que o Outro quer de mim que o sujeito se oferece como objeto do desejo do Outro e entra na dialética desejante.

Detrás de todo desejo humano existe a marca deixada pela demanda do Outro, ficando o desejo articulado a estas marcas (...) é pela via do desejo, através do objeto que causa o desejo, que o sujeito chegará ao andar superior do grafo. O que falta ao sujeito é o objeto do seu desejo e este só poderá ser encontrado explorando o desejo do Outro. (Iglesias, 1996, s/p.).

Surge, então, uma primeira hipótese. O desejo insípido seria efeito de algo que se passa no estatuto do Outro no que diz respeito à sua consistência.

Se não, vejamos: no seminário 6, *O desejo e sua interpretação*, encontramos uma formulação interessante que Lacan (1958-1959) faz a partir de uma experiência clínica, com um caso de impotência sexual, para discutir a dialética das relações do sujeito com o seu desejo. Ele fará uso desse exemplo para situar onde o desejo encontra sua origem e seus destinos. Por estar alienado a um signo, “o desejo se acha ligado à dialética de um falta” e, em razão disso, precisa enfrentar o temor de perecer. Ou seja, o sujeito teme ser privado de seu próprio desejo. Se a satisfação do seu desejo passa pelo Outro, o sujeito receia que isso o faça depender do outro que o vai satisfazer, “com efeito, a dependência do outro é a forma sob a qual se apresenta na fantasia aquilo que é pelo sujeito temido e que o faz afastar-se da satisfação de seu desejo” (LACAN, 1958-1959, p. 118).

Logo em seguida, Lacan faz uma ressalva: o que o sujeito teme não é depender do capricho do outro, como tão comumente ouvimos dos neuróticos, o que o sujeito teme é que o outro marque esse capricho como um signo, o que coloca o sujeito na posição de desvanecimento.

Essas formulações, pensadas sob a ótica do grafo do desejo, me fizeram desenvolver a hipótese de que o desejo se faz insípido na medida em que o sujeito parece hesitar ante a falta do Outro, que ele procura sustentar em sua fantasia como consistente. O sujeito permanece capturado pelos signos de identificação, não dialetizando o desejo do Outro e tomando *a* apenas em sua dimensão imaginária.

Essa hipótese articula-se com a anterior, de que haveria algo no estatuto do Outro que poderia estar produzindo efeitos na extração do objeto *a* e na posição desejante do sujeito. Há algum tempo, o campo psicanalítico discute a proposição de uma mutação no estatuto do Outro, um giro no campo discursivo que não é sem efeito na subjetividade. Um de seus efeitos é descrito por Prota (2019) no que se refere ao objeto *a*. Ele afirma que “objeto *a* saiu de sua casa, de sua *Heim*, e de estranho íntimo, de vazio fiador do lastro com o Outro, foi para a praça pública onde brilha em prateleiras reais ou virtuais.” (PROTA, 2019, s/p.).

A partir disso, retomo a questão de como um analista pode operar ante essa condição em que o desejo se mostra insípido. A resposta certamente não se apresentará como mais um objeto agalmático, tal

como os objetos oferecidos pela ciência ou pelo capitalismo, mas nas trilhas que o discurso psicanalítico pode oferecer. Nesse sentido, é importante levar em conta que, se a clínica se orienta pelo objeto a como causa do sujeito, não devemos nos esquecer de sua condição de inapreensível e, portanto, não imaginável. Devemos sempre lembrar que o a é um postigo.

É importante, também, considerar que estamos lidando com efeitos do discurso atual, do discurso capitalista, que oferece incessantemente objetos de satisfação como substitutos daquele que causa o desejo, sob o risco de reduzir os objetos e também os sujeitos a bugigangas. Quanto a isso, não sejamos apocalípticos. Como afirma Brousse (2018), em entrevista para o Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, “vivemos um tempo de generalização de todos os seres falantes em posição de objeto que se compra e se vende, reduzidos a seu valor de uso, às funções que eles ocupam”. Brousse serve-se da proposição de Lacan no seminário 22 em que ele afirma haver uma substituição na função de nomeação. Não mais o Nome-do-pai, mas um “nomear para”, um nomear para uma função: “Se se perde a função, não se tem mais um nome”. A mudança no estatuto do Outro, portanto, pode ser situada como a ascensão da função CONTRA o nome. É o que podemos notar nos recentes efeitos dos embates imaginários no campo da política brasileira, ou mesmo nos embates sociais em torno das questões identitárias e das diversas manifestações de fobias: destituição do poder simbólico da palavra, nomeação como função, sujeitos reduzidos a objetos.

De volta ao tema do trabalho e articulando com a entrevista de Brousse, ela considera que, a respeito da mudança no estatuto do Outro, devemos ser partidários da Psicanálise.

Lacan disse que todos os discursos são discursos de dominação, menos o discurso psicanalítico. Portanto, o discurso analítico ele faz sempre sua ação fora de uma perspectiva de dominação. Um tratamento psicanalítico é simplesmente um molde de derrubar o poder dos imperativos e substituir o poder dos imperativos ao poder do desejo que está mais pro lado da subversão (BROUSSE, 2018, s/p.).

Nesse sentido, a psicanálise possui seu lugar no laço social exatamente porque subverte os protocolos e sustenta a condição subversiva do desejo. Cabe ao analista, pautado na ética da psicanálise e da sua posição de semblante de objeto a , buscar forjar o desejo de saber que mobilize o interesse do sujeito no que diz respeito ao seu sintoma, ao seu modo de se colocar na vida.

REFERÊNCIAS

- BROUSSE, M-H. (2018). **A queda do falocentrismo**. Entrevista para o XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. (vídeo). <http://encontrobrasileiro2018.com.br/marie-helene-brousse-a-queda-do-falocentrismo>.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Las estructuras clínicas a partir de Lacan**. [Volumen I]. 3ªed. Buenos Aires: Letra Viva, 2016.
- FREUD, S. (1900). A interpretação de sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- IGLESIAS, Eny Lima. (1996). Aspectos topológicos do grafo do desejo. **Cógito**, 1, 29-33.
- LACAN, J. (1962-1963). **O Seminário, livro 10**. A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1958-1959). **O seminário, livro 6**. O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.
- PROTA, F. (2019). **Efeitos da queda do falocentrismo sobre a formação do psicanalista**. Correio Express. Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/008/texto_DC_prota.html. Acesso em: 04 out. 2019.
- TEIXEIRA, M. R. (2016). **O objeto da pulsão**. Corpo, Pulsão, Gozo. Curso Campo Psicanalítico de Salvador. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1300/o-objeto.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- VIOLA, Daniela Teixeira; DUTRA & VORCARO, Ângela Maria Resende. (2009). A formulação do objeto a a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. 9(3), 867-903.

(Des)caminhos da angústia na atualidade

Shnaider Alves Santos⁴

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade

Resumo

A angústia, para Lacan, seria uma indicação da máxima proximidade do sujeito em relação ao Outro. Ela é a expressão do real que faz furo. Assim, pretendemos discorrer neste artigo sobre a importância do Outro incompleto, castrado para a constituição subjetiva, mas também a alta periculosidade de um Outro que se apresenta como completo. A demanda, o desejo e o gozo do Outro são pontos de mira para a abordagem da angústia que só se encaminhará, caso o sujeito encontre espaço, furo neste que o constituiu. O objeto impossível deverá permanecer como tal, a fim de ser construído simbolicamente pela via dos laços, sem a promessa de satisfação plena. Como situar o sujeito na atualidade e como compreender as novas configurações da alteridade? Na era da radicalização do discurso neoliberal, como resistir aos constantes desmontes dos laços sociais? Chamaremos isso de rotas de resistência da subjetividade.

Palavras-chave: angústia, Outro, subjetividade, neoliberalismo, resistência.

⁴ Mestre em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia. Psicanalista. Membro da Associação Clínica Freudiana.

shnaiderasantos@gmail.com.br

A angústia, um dos nomes do real, é o que não cessa de se escrever na clínica atual. Inibição, sintoma e angústia, a tríade que nos ajudaria a pensar a clínica e o sujeito frente ao irremediável da vida. Poderíamos sublinhar, cortar no texto freudiano dois pontos importantes para nossa clínica: primeiro, a constatação de que é o corpo que é chamado na angústia; segundo, por consequência, uma observação de que os movimentos do ser falante ficariam comprometidos para “menos” – inibição – ou para “mais” – os atos. Lacan abordará isso como *acting out* e passagem ao ato.

Retomando Freud, Lacan nos ensina que a angústia é da ordem do que não engana, do que não desliza, que se fixa. O campo do significante, o campo do que engana, desliza, desloca-se e faz sintoma. É de fundamental importância não nos esquecermos das linhas de mira para a abordagem da angústia: desejo do Outro, demanda do Outro e gozo Outro. A escuta disso nos permite ajudar o sujeito tomado por sua angústia. Frente ao sujeito e a sua angústia, nos perguntamos sobre o desejo, o gozo e a demanda do Outro. Quanto mais eclipsado a isso estiver o ser falante, mais angústia, ou a angústia como sinal de uma presença absurda de um Outro do qual não foi possível se separar. Assim, a saída seria o enquadramento do desejo do Outro, bem como a extração de gozo advindos da construção da fantasia.

Perguntamos sobre a clínica em nossos tempos. Tempos de uma absorção do sujeito ao desejo, demanda e gozo do Outro, talvez sem precedentes na história, posto ser de uma esfera globalizada. E porque não nos determos no que significaria isso? Como permitir lastrear a angústia em tempos de desejo débil, morto, sumido, deslocalizado, dessentido? Como se colocar frente à impossibilidade de estabelecimento de uma demanda metaforizada... de outra coisa e não da Coisa em sua concretude? De um sujeito que não banca seu desejo e se esconde em e com seu sintoma ao ser que não deseja? Não pensa. Diz-nos “não tenho nada a dizer” sem realmente ter o que dizer. Um ser resumido, em absoluto, em sua narrativa ou com uma narrativa resumida. Não é da ordem do esconde-esconde próprio do neurótico clássico, mas de uma divisão que não está ali. Um fantasma que não se construiu? Se se construiu, não funciona como enquadre que auxiliaria na constituição de uma história mítica para explicar suas questões de base? Quais questões de base? Ainda se pensa sobre isso? Ou se atua nisso?

1. De que Outro se trata na atualidade?

Das questões que me tomaram na clínica às questões que nos tomaram na pólis, à semelhança do inseto que passeia pela banda de Moebius, dentro, de repente fora, fora, de repente dentro. Diante da angústia, do ódio, da intolerância, frente à pulsão que pulou para a pólis, levei a questão da clínica para a cena social. A pergunta foi: de que Outro se trata na atualidade?

Penso que poderíamos tomar a subjetividade, bem como seu modo de estar no mundo sob a perspectiva de seu atravessamento no tempo e a partir de figuras diferentes da alteridade. Isso pode indicar uma articulação do sujeito e do laço social que se constitui nesse momento da história. Como bem nos aponta Askofaré (2009), o sujeito da psicanálise é a-histórico, porém as várias construções subjetivas e os modos de subjetivação devem ser tomados no tempo. Então, essa articulação do sujeito ao Outro sempre é pertinente e necessária.

O Outro vai se figurar como esse lugar, esse campo no qual o ser inscreverá e escreverá seu corpo. O ser deverá ocupar o lugar daquilo que chamamos em Psicanálise de falta do Outro, uma vez que lhe falta ser, substância, o que o constituirá como sujeito, na fala e da fala. Mas justamente o buraco do Outro que foi, miticamente, possível de ser completado pelo ser será o que, se fazendo novamente vazio, poderá produzir um humano. Então, a condição indispensável ao outro e que pode permitir que ele se constitua como alteridade é sua incompletude. Deve haver, sempre, um ponto em que sua completude pelo objeto não seja possível. Esse Outro que se apresenta sob as insígnias da completude é pego faltando. É essa falta parcial do Outro que permite ao sujeito enganchar-se nas questões da existência, endereçadas a esse mesmo Outro. Caso o Outro fosse completo, não haveria pergunta. Portanto, só se é sujeito do Outro à medida que se puder opor uma resistência ao Outro (DUFOR, 2005). Isso quer dizer que o desejo, a demanda e o gozo do Outro precisam passar por certa vacilação, *“O sujeito é tanto a sujeição quanto o que resiste à sujeição”* (DUFOR, 2005, p.33).

Então, esse ponto parece ser imprescindível e de importância fundamental para o sujeito. Como encontrar, no próprio campo do Outro, mecanismos para operar com a sujeição necessária? Assim, em cada tempo, nós construímos figuras a fim de a elas nos submetemos. E, *“segundo a figura do Outro de seu tempo, eleita como centro simbólico, toda a vida econômica, política, intelectual, artística, muda.”* (DUFOR, 2005, p.39). Mas permanece essa submissão, a vacilação e o questionamento. Parece que ninguém pode sair da sujeição sem antes ter entrado nela, pois as referências vêm do campo do Outro. Portanto, o Outro seria esse ponto de apoio que permite ao sujeito entrar na função simbólica. Diríamos que isso seria uma categoria fixa do Outro, pelo menos daquele que nos permitiria estar diante de um sujeito do conflito, crítico, por exemplo, entre pulsão e moral. A essa categoria acrescentaríamos a variação, a especificidade de cada figura do grande Outro, sua encarnação em cada tempo, a diferença das cenas históricas em que a vida do sujeito se desdobra. Diz-nos Dufour (2005) que o inconsciente ignora o tempo, mas o tempo não ignora o inconsciente. É possível sustentar ao mesmo tempo que o inconsciente ignora o tempo e que a condição subjetiva sofre a variação histórica.

Podemos atentar a isso para pensar no esgotamento, ou na variação das figuras do Outro na atualidade e em suas consequências para a subjetivação ou para o sujeito. Via de regra, o Outro, como

esse campo capaz de produzir um sujeito, seria incompleto, mas consistente, justamente pela incompletude (LEBRUN, 2008).

De que outro se trata hoje? Poderíamos pensar no mercado, poderíamos pensar no discurso atual, desdobramento do discurso capitalista com a promessa do encontro do sujeito com objetos de satisfação que fazem as vezes do objeto impossível, completo, mas inconsistente.

Tal engendramento e oferta não são sem consequências para a subjetividade. Pierre Dardot e Christian Laval (2016) discutem a questão partindo da ideia de que vivemos um novo e inédito período na história da humanidade denominado por eles de a nova racionalidade ou nova razão do mundo. Se, com a modernidade, a partir de Descartes, fundou-se a razão como modo soberano de ver e descrever o mundo, com o fortalecimento do neoliberalismo nas últimas décadas, tudo se transforma. A relação do sujeito com os outros e seus laços sociais tornaram-se cada vez mais frágeis, e a função do Estado – que antes parecia assegurar, de algum modo, condições mínimas de estar no mundo – agora se desloca para o mercado. Não há mais um Estado que trabalhe para os sujeitos, mas que trabalha para o mercado. Assim, somos arremetidos ao mundo sem garantias sociais ou comuns. O lema dos Três Mosqueteiros, “um por todos e todos por um”, não nos sustenta, embora saibamos que, de fato, nunca foi, como aliás nada poderia ser, absolutamente eficaz para acolher nosso desamparo estrutural. Porém, na sociedade neoliberal, somos sujeitos lançados à própria sorte, cada um por si e sem Deus por todos. Instaure-se o sujeito empresa de si, gestor de si, com a certeza de que se desprende das amarras da sujeição ao Outro e é ele mesmo seu patrão, dono de si, de seu próprio negócio. A aparência é de que se liberou do Outro, está avulso, por conta própria. Suas conquistas são mérito inteiramente seu e demérito do outro, que não as consegue. Resultado disso é a ideologia cada vez mais aclamada da meritocracia, como se, de saída, tivéssemos todos as mesmas condições. Não será muito difícil perceber o mecanismo perverso posto em ato: sou o responsável por todos os meus sucessos, mas também pelos insucessos. Estes não serão tomados como uma contingência, porém como uma incompetência que lança o sujeito na depressão: “Não sou capaz!”.

Atentemos ao Outro que trabalha com uma altíssima demanda de *performance*, fazendo o sujeito engendrar-se a si e seu desejo nesse projeto “sem outro”:

Injunge-se o sujeito a conformar-se intimamente, por um trabalho interior constante, à seguinte imagem: ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição (DARDOT, 2005, pp. 330-1).

O ato de governar, antes tido como impossível ou meio possível, torna-se exigência para o sujeito e seus outros. Quando o ingovernável do humano se apresenta, chamamos a isso de os impasses do sujeito

frente ao real, o que fazer? Quando as promessas de governabilidade se esvaem, caem-se as garantias, o que resta? Último suspiro: Governe a si! Ou eleja um Outro que governe por vias superegoicas.

A angústia, o pânico e a tentativa de esquecimento da nossa divisão subjetiva são os elementos que constroem o mito do Outro consistente, que existe de fato, é de carne e osso. Eis a realização da fantasia neurótica: fazer o Outro que não existe existir consistentemente, o que, é claro, só provoca mais angústia.

Temos aí uma complicação. É que a eficácia do Outro está em ele ser uma ficção que possa aportar nossas questões fundamentais: origem, morte, sexo.

A inexistência de um Outro real, como garantidor do desamparo e da condição humana, já se inscreve no fantasma fundamental do neurótico, mas como instância simbólica, porque passa a existir, desde que castrado. Quer dizer, o ser separado do objeto, justamente pela castração no\do Outro tem, enquanto sujeito dividido, que se pôr a trabalho constante, que vise à construção de objetos por meio dos laços sociais.

Ao nos desprendermos do Outro, me parece que "damos um tiro no pé". Ele retorna encarnado de forma severa e sua demanda é tomada ao pé da letra. Se a aparência é de desprendimento do Outro, como explicar essa "nova" construção do Outro consistente em sua proposta de segurança, livramento ou salvação? O humano não quer saber do desamparo, da inexistência de amparo definitivo vindo de fora. A saída subjetiva vem, não por UM Outro, mas pelos laços COM os outros. Saída, evidentemente frágil. A nova racionalidade nos impele a construção de um fake Outro, para o qual nossos olhos se lançam. Esse Outro consiste e insiste em consistir e dele nunca vem uma palavra que apazigue a angústia da fratria. Consequência: lá onde está nossa possibilidade, o laço social, isso se rompe. Ficamos todos à deriva. Daí a importância, para todos de um rearranjo nos laços... Se não há outro cuja palavra, bancada a partir de incompletude e castração, encaminhe a angústia, o que fazer com isso na clínica e na pólis?

Quando Lacan elabora a sua teoria dos quatro discursos, também estava em um momento fundamental de sua pólis. Sublinharíamos dois desses discursos para pensarmos nas formas de encaminhamento que não passem totalmente pelo esquecimento da impossibilidade do objeto e pela negação da divisão subjetiva: o discurso da histérica e o discurso do analista.

2. Rotas de resistência frente ao apagamento da subjetividade

A histeria do tempo de Freud foi a grande porta voz do mal-estar daquele tempo. É um discurso que denuncia o apagamento subjetivo. Mas, não fosse a escuta freudiana, ninguém a tiraria da condição de "louca". Acredito que lá onde houver um movimento histórico no sentido da denúncia frente a um significante-mestre, a Psicanálise pode escutar algo do seu tempo. Mas também, parece ser um discurso que fortalece ainda mais as respostas do mestre. Quanto mais denunciado em sua impotência, mais

potente se mostra... “olha, cuidado, o mais potente vem vindo...” Mas o discurso histórico permite certa produção de saber a partir da divisão subjetiva. Discurso necessário...

Resta-nos o discurso do analista. Fazer silêncio em si, a partir de um saber, semi-dito, posto em posição de verdade e não da verdade. Posição de semblante de objeto impossível e não perdido, para que o sujeito não se esqueça de que barro é feito: divisão, castração, estrangeiro de si. E para que produza, justamente, algo da ordem de seus *uns*, se defronte com suas alienações em relação ao outro. Os analistas existem somente na condição de *objeto a*, justamente para que, do outro lado, um sujeito surja impactado com seu gozo e sua pulsão de morte. O que vem depois disso... uma aposta. Mas é essa a ética da psicanálise: uma aposta sempre relançada no sujeito.

Então, qual a posição do analista? Elevar, desde Freud, a palavra à sua posição fundamental, que se fale a alguém que escute em meio aos atos que mostram, escondem aquilo que o ser e nosso tempo não podem escutar. O que pode essa palavra portada por esse ser que assume sua posição de falante? Certamente não tudo nomear. Porém, uma posição de escuta que, passando pelo convite de fala, assuma sua (im)potência que, talvez, possa permitir ao ser falante, assumir pela palavra o que não se pode alcançar com ela nem nunca se poderá.

Assim, como nos ensina Lacan, o real é o que faz furo e prossegue. Sem um ponto de basta não será possível que o campo próprio do humano, a linguagem, exerça sua função de mediação. Não há palavras, mas atos! Um golpe para a psicanálise? “Ela não serve pra nada” ou “não foi de proveito nenhum para mim”. Ponto para discorrer, pois para o quê serve a Psicanálise? O sujeito nos diz: “Quero gozar dela.”. Não é possível, por isso não serve. Aí também um limite para nós, pois só podemos assentir... ela é um modo de extração de gozo para que, caído o objeto, reste, portanto, o resto, e a angústia cesse. Não serve ao gozo. Serve à palavra que segue, palavra veiculada em transferência, precária. Eis o lastro como ponto de basta, ancoragem frente ao Outro que consiste completo. Portanto, os espaços de palavra se constituiriam em rota de resistência frente à constante tentativa de apagamento da subjetividade.

Finalmente, retornamos à torção moebiana: da clínica para a pólis, da pólis para a clínica. Qualquer espaço, desde que se constitua como espaço: o da clínica, mais circunscrito e suportado pela transferência; o da pólis, espaços outros, espaços abertos, de trânsito da subjetividade, que visem ao trânsito das posições dos sujeitos. Algo que nos toque desde nossa posição de desamparo e acolha o impossível e o legítimo. Espaços, os dois, que operem menos com o recalque, o esquecimento e mais com a produção de uma verdade, de um saber inacabado. Sempre uma aposta.

REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, Sidi. Da subjetividade contemporânea. In: **A Peste**. São Paulo, v.1, n.1. 165-75, jan/jun.2009.

DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal.** Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: A angústia.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEBRUN, Jean Pierre. **A perversão comum: viver juntos sem outro.** Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

O real na clínica do autismo e na melancolia

João Luiz Leitão Paravidini⁵

Resumo

Este artigo busca colocar em evidência a grande importância do trabalho clínico com a melancolia e o volume exacerbado de indicações diagnósticas de autismo infantil na atualidade. Tomam-se por base os modos de existir melancólico e autista para pensar o que na clínica faz ressoar pela presença do impossível na não extração do objeto *a* e na não constituição de *um* corpo desejante. Tanto no autismo quanto na melancolia, os sujeitos são convocados a lidar com o traumatismo originário, com a extração de gozo fundamental. Enquanto no autismo podemos destacar que há uma espécie de forclusão do furo, na melancolia a imagem de si é atacada e destituída de qualquer dimensão fálica. O que vemos, logo, é uma imagem real. No autismo, o corpo e seus objetos são tomados em um campo real. Qual seria, então, a relação entre a negação da perda do objeto na melancolia e da presença do objeto no autismo? Ambos parecem guardar uma marca não dialetizável, portanto não significantizada, capturados pela condição sîgnica, a qual é o traço mais originário entre ambos. O que de fato importa encontra-se na paralisia do investimento libidinal na relação alteritária presente nas formações vazias da melancolia e o rechaço ao Outro do gozo autístico. Seriam eles apenas variantes extremas de um impasse para tratar a perda originária do objeto e a falência do Outro?

Palavras-chave: melancolia; autismo; objeto *a*; imagem; corpo.

O real da clínica se fez destacável para mim por meio de duas condições que se entrelaçam: a dificuldade no trabalho clínico com a melancolia e o volume exacerbado de indicações diagnósticas de autismo infantil, colocando, na ordem do dia, o significante autismo para toda e qualquer circunstância de impasse ou sofrimento na infância e, de maneira semelhante, a exacerbação do significante depressão para todas as condições de sofrimento na nossa vida de modo geral. Em ambas, vemos perder a clareza da especificidade diagnóstica dessas formações subjetivas, o

⁵ Psicanalista. Membro da Associação Clínica freudiana. Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

que nos conduz a buscar reaver as bases de uma orientação conceitual presente nesses impasses subjetivos.

Dessa forma, tomarei por base os modos de existir melancólico e autista para pensar o que na clínica faz ressoar a presença do impossível na não extração do objeto *a* e na não constituição de *um* corpo desejante.

Destaco, nesse sentido, a relação singular que se verifica na clínica, no que diz respeito à constituição da imagem do corpo e ao modo como em cada um, autista e melancólico, se dá a não extração do objeto *a*.

De fato, tanto no autismo quanto na melancolia, os sujeitos são convocados a lidar com o traumatismo originário, com a extração de gozo fundamental. No entanto, no autismo, podemos destacar a existência de uma espécie de “forclusão do furo” (LAURENT, 2014) e, na melancolia, a imagem de si é atacada e destituída de qualquer dimensão fálica. O que vemos, então, é uma imagem real, assim como no autismo, em que o corpo e seus objetos são tomados em um campo real.

Detalhemos cada uma dessas proposições:

1- O Corpo e o Objeto no Autismo

No caso do autismo, faz-se necessária a criação de uma borda, pois o sujeito encontra-se imerso no real. Uma imagem do corpo, mesmo que frágil, não se constituiu, uma vez que ali, onde haveria de se produzir uma reafirmação da perda originária do objeto, ergue-se uma barreira, justamente no ponto em que, para advir como sujeito, haveria de se produzir o recalque originário.

Eric Laurent (2014) nos propõe que nesse ponto ocorre formação de uma “neo-borda”, quase corporal, que não pode ser franqueada, mas que pode ser deslocada. No entanto, ela não corresponde à superfície do corpo, nem a uma carapaça dura, mas sim ao modo singular de retorno do gozo sobre a própria borda. Nesse sentido, ela operaria como um artifício, uma invenção, para além do campo do Outro, que auxiliaria na regulação pulsional.

Dois aspectos são importantes no que tange a essa neo-borda. A primeira é que ela se modifica no decurso do tratamento analítico e tem suas consequências na relação da criança com seu corpo e com o uso do espaço. A segunda é que ela não está completamente fechada (encapsulamento não-todo), podendo nela incluir o objeto autístico, como observou Frances Tustin, objetos de troca, e pode incluir pessoas: pais, irmãos e, até mesmo, o analista na transferência. Nesse aspecto, ela é fundamental para se operar na clínica com esses sujeitos, para o analista se fazer incluir – não tão calculado, mas também não por puro acaso – no campo “inventado” pelo sujeito, muitas vezes, como um duplo real.

Podemos, assim, sintetizar: primeiro, o sujeito autista é um “ser sem buraco” e sem corpo por causa da “forclusão do buraco”, com um retorno de gozo sobre a borda que constitui o encapsulamento autista. Segundo, a forclusão do furo proposta por Eric Laurent (2014), a partir de Miller, trata-se da imersão dos autistas no real, de seu

doloroso acesso a uma dimensão em que nada falta. Se não há furo, nada pode ser extraído. É o que provoca nos autistas incríveis crises de angústia diante de situações específicas em que o plano intervalar se faz presente: injunção do Outro, travessias de espaços, desprendimento dos objetos, etc. E terceiro, o acontecimento de corpo essencial do autismo é a iteração do Um que acarreta uma "solidão semântica", interação da letra sem corpo, sem constituição do Outro, sem o circuito pulsional e, finalmente, sem objeto e sem imagem especular.

Estes três aspectos nos dão a dimensão crítica do trabalho que devemos pôr em questão na clínica com esses sujeitos. Cabe-nos enfatizar que a extração dos objetos *a* organiza a percepção e “quando tal extração não se opera, a construção da realidade se revela cambaleante” (MALEVAL, 2012, p. 46). Nesses casos, os objetos não funcionam como significantes e seu papel de representação restringe-se ao campo sígnico, isto é, colado a uma única representação. Ademais, o objeto autístico, cumprindo essa função de “tapa-buraco” e tornando-se parte do corpo da criança, não pode participar do jogo de substituições necessário à circulação da cadeia significativa, o que configura um dos limites restritivos para as produções simbólico-imaginárias dos sujeitos.

Esse “aparelhamento objetal, tipo tapa buraco” vem servir de suporte ou suplência para “construção específica de uma subjetividade que mantém o Outro da fala, da enunciação, à distância” (BONNAT, 2008). Na concepção de Bonnat (2008), os objetos fazem uma borda real para o corpo do sujeito privado da aparelhagem imaginária que se refere ao Outro do significante da significação fálica. “Trata-se, por conseguinte, de um corpo real, material, que o sujeito não pode dissociar ou perder dele mesmo” (LUCERO & VORCARO, 2011, p 315).

Tais modalidades de encapsulamento podem variar muito: vão da profunda rejeição do Outro (intrusivo) até a inclusão de pessoas, objetos e duplos na formação da neo-borda. Maleval (2017) propõe uma reorganização da clínica do autismo a partir das diferentes formas de borda: os autismos *sem borda*, os autismos *com borda*, e o encapsulamento como um extremo, formando uma série.

2- Corpo e Objeto na Melancolia

Para Freud, a melancolia é tomada como uma neurose narcísica marcada por uma perda de objeto que resulta em efeitos específicos sobre o eu, ou seja, um processo diferente do que ocorreria caso houvesse a operação recalçadora. Na melancolia, os distúrbios do corpo e do pensamento estão na origem da dor moral, sintoma que traduz toda gama de paixões tristes e o leva ao afastamento do mundo.

Para Ferrari e Pena (2012, p. 54),

Atacar sua própria imagem (...) é uma das peculiaridades da relação do melancólico com seu corpo. Lacan favorece essa compreensão nos últimos capítulos do “Seminário: a angústia” (1962-1963/2005), momento em que se refere ao luto de Hamlet. Para ele, atacar o próprio corpo é uma tentativa, ainda que fracassada, que o melancólico encontra para fazer a extração do objeto *a*,

objeto ao qual se encontra identificado em sua condição de objeto dejetivo, ou seja, sem a mediação da significação fálica. E o ato suicida, muito típico nesses casos, desvela a tentativa de separação radical do Outro, na falta de se separar da identificação a esse objeto dejetivo.

Nesse ponto, não podemos deixar de fazer menção a uma situação correlata quanto à extração do objeto a quando o sujeito autista se vê ameaçado por separações forçadas de seus “objetos tapa-buraco”. Nesse caso, resta-lhe a auto ou hetero agressividade como resposta à exposição de pura vulnerabilidade, cabendo-nos ainda apontar para o aumento de suicídios entre os autistas⁶.

Mas vejamos mais de perto o que se passa com essa questão da imagem. Para entendermos a melancolia, Lacan nos propõe que devemos fazer uma distinção entre a imagem do objeto – $i(a)$ –, “pela qual todo amor é narcisicamente estruturado”, e “o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, objeto a ”, causa do desejo (LACAN, 1962-1963/2005, p. 363). No caso do luto, trata-se da relação do desejo com essa dupla dimensão do objeto idealizado (imagem do objeto) e do objeto causa do desejo, a , através do qual se busca elaborar a perda do objeto amado a fim de restabelecer a ligação com o objeto causa de desejo, para que outro objeto possa vir neste lugar como substituto. Já o melancólico está numa “referência radical ao a , mais arraigada para o sujeito que qualquer outra relação”, este “objeto a que o transcende, cujo mandamento lhe escapa, e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 364).

Nessa circunstância, estamos menos às voltas com a perda do objeto da relação de amor do que com “uma relação direta com este objeto que, na constituição do sujeito e do desejo, deve justamente se caracterizar por sua ausência, mas que no melancólico está presente de maneira tão real a ponto de se confundir com o sujeito” (TENÓRIO & COSTA-MOURA, 2014, p. 477-478).

Bogochvol (2008) é bem preciso ao dizer que, ao ocorrer a perda do objeto, esburacando o Outro, também ocorre o abalo no funcionamento psíquico e nas relações com o mundo. A melancolia seria uma das formas possíveis de resposta a esse abalo. Nela “não existe um $i(a)$ sustentado pela função fálica da castração, e a perda do objeto faz o sujeito se deparar com a foraclusão ϕ_0 ” (BOGOCHVOL, 2008, p. 200). Para o melancólico, nesse momento, o que se apresenta é a forma arcaica e radical do objeto a desvelado, sem nenhum recobrimento imaginário.

Essa foraclusão própria da melancolia diz da ausência de $I(a)$ na organização da rede significante, das significações. O melancólico não consegue constituir um eu ideal articulado ao Ideal do eu, como os neuróticos o

⁶ Para maior aprofundamento sobre a temática do suicídio em sujeitos autistas consultar: Zahid, S., and Upthegrove, R. (2017). Suicidality in autistic spectrum disorders: a systematic review. *Crisis*, 38(4), 237-246.; Serges, M. and Rawana, J. (2014). What do we know about suicidality in autism spectrum disorders? A systematic review. *Autism Research*, 7, 507-521; Camm-Crosbie, L., Bradley, L., Shaw, R., Baron-Cohen, S., and Cassidy, S. (2018). ‘People like me don’t get support’: Autistic adults’ experiences of support and treatment for mental health difficulties, self-injury and suicidality. *Autism*, 23(6):1431-1441.

fazem, porque nele, pura e simplesmente, o Ideal do eu não existe, o que conseqüentemente estabelece um modo de gozo específico. Assim é que, pelo furo aberto no psiquismo, a libido se esvai como em uma hemorragia, diz Bogochvol (2008), recordando a metáfora apresentada por Freud no *Rascunho G – Melancolia*, em 1995.

A questão essencial que gira em torno da identificação melancólica, portanto, é o fato de que a perda de um objeto faz com que o sujeito se identifique maciçamente a ele, o que podemos formular como algo da ordem da ‘incorporação maciça’. O melancólico, como frisa Freud em *Luto e melancolia* (1915/1996), não sabe o que perdeu. Dessa forma, ele não pode reintegrar os traços identificatórios desse objeto, identificando-se, então, ao objeto em si. A morte do objeto perdido é vivida, portanto, no próprio cerne do eu. Ao rejeitar a perda, introduzindo o objeto em seu eu, é consumido por esse objeto que triunfa no processo (LACAN, 1962-1963/2005).

Assim, quando o melancólico fala de si como um dejetivo, algo que deveriaser eliminado, isso não é nem um pouco metafórico. Podemos ler aqui testemunho de uma condição em que esse objeto não foi separado do sujeito, mas permaneceu no campo do sujeito, parasitando-o, confundindo-se com ele. A célebre frase de Freud (1995), “a sombra do objeto caiu sobre o eu” (p. 246), Czermak (2012) propõe reescrevê-la assim: “na melancolia, o objeto é que volatilizou todo o eu e ocupa toda a cena [...]. Do eu, não resta mais que uma sombra” (p. 163).

Considerações finais

Como conduzir uma clínica orientada para intervir no real, no que tange à formulação do objeto *a*, causa de tormentas, e não do desejo?

Qual seria a relação entre a negação da perda do objeto na melancolia e a presença do objeto no autismo? Ambos parecem guardar uma marca não dialetizável, portanto não significantizada, capturados pela condição signica, sendo este o traço mais originário entre ambos.

O que de fato nos importa encontra-se na paralisia do investimento libidinal na relação alteritária, presente nas formações vazias da melancolia, e o rechaço ao Outro do gozo autístico. Seriam essas apenas variantes extremas de um impasse para tratar a perda originária do objeto e a falência do Outro?

Valeria a pena consideramos a hipótese, a ser desenvolvida de forma detalhada em um próximo trabalho, quanto ao fato de que talvez estejamos marcados pelo gozo triste da melancolia e pelo gozo autóctone do autismo como formas de evidenciação, na perspectiva contemporânea, da falência do laço social na política e no desejo.

REFERÊNCIAS

BOGOCHVOL, A. Melancolia. In: **Scilicet**: os objetos a na experiência analítica. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 199-203, 2008.

BONNAT, J.-L. La machine autistique: fonctions. In: BONNAT, J.-L. (Org.). **Autisme et psychose**: machine autistique et délire machinique. Rennes, FR: Presses Universitaires de Rennes, p. 191-201, 2008.

CZERMAK, M. (2012). **Patronímias** - Questões da clínica lacanianiana das psicoses. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2012.

FERRARI, I. F., PENA, B. F. Melancolia e modo de funcionamento dos melancólicos. **Revista Psicologia e Saúde**. Campo Grande, 4(1), p. 53-58, 2012.

FREUD, S. (1915). Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud**. (Jayme Salomão, trad., v. 19, pp. 249-263). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1962-1963). **O seminário**. Livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAURENT, E. **A Batalha do Autismo**: da Clínica à Política, Editora Zahar, 2014.

LUCERO, A.; VORCARO, A. Os objetos e o tratamento da criança autista. **Fractal, Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 310-317, 2015.

MALEVAL, J.-C. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (Org.). **Autismo(s) e atualidade**: uma leitura lacanianiana. Belo Horizonte: Scriptum, p. 45-69, 2012.

MALEVAL, J. C. **O autista e a sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

TENORIO, F.; COSTA-MOURA, F. Melancolia como presença real do objeto - uma abordagem lacanianiana. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 17, n. 3, p. 469-484, 2014.

Elucidações sobre o seminário 6 de Jacques Lacan: uma janela para o Real?

Margarete A. Domingues⁷

Resumo

Lacan mostra-nos, ao longo de seu ensino, haver uma diferença entre a experiência e a clínica psicanalítica. A primeira trata da relação entre o analisante e o analista, enquanto segunda seria a articulação entre a teoria e a experiência vividas no processo analítico para fazer avançar a psicanálise. Nesse cenário, buscando fazer articulações teóricas a partir da escuta de meus próprios analisantes, ou os que escuto em supervisão, tenho me interrogado sobre conceitos básicos como desejo, fantasia, interpretação, desejo do analista e transferência. Minha proposição é revisitar alguns desses conceitos, tendo como eixo de leitura comentários produzidos sobre o *O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação*. Instigou-me investigar mais sobre o desejo e a fantasia, visto ter me deparado com o desejo abordado, mais pela fantasia e pela relação ao objeto de desejo.

Palavras-chave: clínica psicanalítica, desejo, interpretação, real.

Cervelatti (2014) considera que um dos propósitos de Lacan em *O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação* é tentar definir a fantasia, enquanto Miller (2014) faz uma importante marcação ao apontar que o fio que o rege é o da fantasia. O último destaca que o *Seminário 6* contém e elabora a primeira lógica da fantasia construída por Lacan, permanecendo no fio de “Função e campo da fala e da linguagem” e se centra progressivamente na fórmula da fantasia dada por Lacan: $\$ \diamond a$. A segunda lógica será estudada no seminário 14 “A lógica da fantasia”, e se apoia no texto “A posição do inconsciente”.

Cervelatti (2014) assinala que, a partir dos primeiros capítulos do *Seminário 6*, Lacan mostra que, no sujeito que fala, o desejo é fixado a uma fantasia. E o objeto dessa fantasia é, nesse momento de seu ensino, o outro imaginário, que se apresenta como a imagem do corpo próprio. É interessante ver como se constitui, no espelho, o corpo do sujeito, que vai se tornar o corpo falante no último ensino de Lacan.

⁷ Psicanalista. Membro da Clínica Freudiana de Uberlândia.

O corpo foi pensado por Lacan ao longo de seu ensino. Durante muito tempo, a teoria lacaniana foi vista como sendo regida somente pelo significante.

Segundo Alvarez (2013), temos em Lacan, no mínimo, três teorias sobre o corpo. Com elas se elabora uma clínica que vai se tornando complexa. As normas do Ideal do eu constroem o corpo especular, reguladas pelo Nome-do-Pai. Lacan constrói sua clínica das estruturas a partir dessa relação entre simbólico e imaginário. É interessante observar que dessa clínica estrutural se pode depreender também uma clínica do corpo. O corpo fragmentado do esquizofrênico opõe-se à multiplicação das imagens do semelhante na paranoia. A dissolução imaginária da histeria opõe-se à fortificação egóica do obsessivo, que infla seu narcisismo. Na clínica estrutural, a norma fálica organiza o corpo. Aqui o significante marca o corpo.

Para o citado autor, uma vez construído o grande edifício das estruturas clínicas, o real entra em cena, agitando a harmonia das normas simbólico-imaginárias, e o grande edifício é habitado pelo objeto *a*. Alvarez (2013) elucida que, com o objeto *a*, se constrói uma segunda clínica do corpo, mais sutil: pequenos detalhes marcam o erotismo dos corpos, orientam a eleição amorosa, determinam as paixões.

Nessa segunda clínica do corpo, também poderá ser localizado o que ficou fora das estruturas, a saber, a violência, cujo excesso passa dos limites das normas: o *acting*, que coloca em cena o que o Outro não aloja; as tatuagens, que tentam passar o gozo à palavra por meio da escrita, o fenômeno psicossomático, que passa o gozo à escrita sem palavra; a angústia não localizada, que não encontra um limite; a passagem ao ato, que demonstra que o limite não existe; a depressão, como queda da causa do desejo; as adições, como acesso a um gozo que degrada o desejo. Esses exemplos ilustram a segunda clínica, na qual há gozo no significante.

Já na terceira teorização do corpo, segundo o referido autor, poderíamos dizer que está em construção a clínica do acontecimento do corpo. Não estão em jogo a imagem especular ou o furo topológico da segunda clínica. Há algo anterior, que é a entrada das marcas iniciais, contingências de um gozo Um, que constituem o *falasser*. É o corpo vivo em que ocorre o que Lacan define como acontecimento. É, portanto, um corpo que fala. Como disse Lacan, é "o mistério do corpo que fala".

O acontecimento de corpo, conforme Campos (2016), é um equivalente a um sintoma. Se encontramos satisfação no sintoma, encontraremos no acontecimento de corpo uma satisfação da pulsão. Se do lado do sintoma temos desejo, do lado do acontecimento de corpo temos gozo. Se, por um lado, temos no sintoma uma satisfação e uma significação, por outro lado, no acontecimento de corpo, teremos uma satisfação e uma significação que, a princípio, surge obscura e desprovida de sentido, mas que se revela pela interpretação.

Para Miller, o ensino de Lacan desenvolveu-se numa direção totalmente contrária à sua paixão inicial, quando enunciava as leis da linguagem e do discurso. Ele começou, pode-se dizer, sob a égide da lei

e, quanto mais progredia, mais valorizava o *sem lei*. Lacan deu ênfase, na clínica, à contingência, ao acontecimento, uma vez que este acontece como por acaso.

Acredito que a trajetória do ensino de Lacan é marcada por avanços, desvios, recuos. Entretanto, há um fio condutor nessas elaborações que me parece ter se mantido. Somos seres de linguagem movidos por desejos, pelas pulsões e, mesmo em seu último ensino, a satisfação pulsional do *fallasser* se revelará pela interpretação do analista, que certamente não será pela via do sentido, característica de seu primeiro ensino, mas tocando o real do corpo, o transbordamento de gozo no corpo.

Assim, o momento de elaboração do *Seminário 6* faz-se crucial nessa trajetória, pois percorre os meandros do desejo e sua interpretação. O cerne desse *Seminário* não é a interpretação, mas a relação inconsciente do sujeito com o objeto na experiência desejante da fantasia. O sujeito recorre à fantasia e é na sua relação com o objeto do desejo que reside a verdade de seu ser.

Miller (2016) elucida que o desejo não é uma função biológica, seu objeto é fantasmático. Assim, o desejo é extravagante. Ele se esquivava de quem quer dominá-lo, mas também, se não for reconhecido, ele fabrica seu sintoma. Numa análise, trata-se de interpretar, quer dizer, ler no sintoma a mensagem de desejo que ele detém.

Lacan faz uma reformulação sobre o Édipo neste seminário, mostrando não ser a única solução para o desejo. O objeto que Lacan chama no seminário de pequeno *a*, segundo Miller (2013), e que se inscreve na fantasia é, precisamente, o objeto na medida em que ele escapa à dominação do Nome-do-Pai e à metáfora paterna. É em torno do questionamento do pai, da função paterna, que se organiza a orientação fundamental desse *Seminário*.

Lacan buscou em Freud, em *A interpretação dos sonhos*, o sonho do pai morto, que visa precisamente à relação de um filho com seu pai e que se constitui em uma versão diferente da versão edipiana típica. E se, por outro lado, Lacan se interessou, nesse *Seminário*, por Hamlet, é porque precisamente em *Hamlet* o pai, longe de ser uma função normativa e pacificadora, porta uma ação patogênica.

No *Seminário 6*, o lugar que será decisivo para Lacan, no que concerne ao final da análise, não é o Nome-do-Pai, é a fantasia. A partir desse *Seminário*, é possível perceber que se instalam as linhas que cingem a fantasia como o lugar em que pode estar em questão o final da análise, sendo uma questão que não cessará de circular na sequência do ensino de Lacan. Um final de análise no qual se revelaria que só se pode assumir a falta e saber que não se pode confiar, posto que nada garante o sujeito quanto à verdade da boa fé do Outro.

Lacan nomeia como fantasia a relação sujeito-objeto no desejo inconsciente. A fantasia, aqui, está no singular. Não se trata dos devaneios do sujeito, das histórias que ele se conta ou conta ao seu analista. Trata-se de uma relação que permanece inconsciente. É nesse *Seminário*, conforme Miller (2013), que

encontramos a expressão fantasia fundamental, que reencontraremos dez anos mais tarde, quando Lacan elaborará sua teoria do passe como final da análise, a teoria do passe como travessia da fantasia.

Para Miller (2014), o desejo inconsciente permanece ligado, na fantasia, a gozos perversos. Todo desejo é perverso, na medida em que o gozo nunca está no lugar em que a pretensa ordem simbólica gostaria que ele estivesse. Por essa razão, mais tarde, Lacan ironiza a metáfora paterna, dizendo que ela é, também, uma perversão. Ele escreve *pai-versão* (*père-version*) para significar uma versão, um movimento em direção ao pai. Essa ironia designa que o pai não pode ser confundido com o Nome-do-Pai, ele não pode ser reduzido a um puro significante, instaurando uma ordem simbólica total e consistente.

Lacan produz um corte no *Seminário 6*, indo na direção do desmantelamento, da desconstrução da metáfora paterna. Para Miller, o que esse *Seminário* explora é o que se encontra para além do significante e é designado como o campo da fantasia. Ele é articulado, diz Lacan, a partir de uma conciliação entre o simbólico e o imaginário. Mas se pode dizer que, por referência ao ensino posterior de Lacan, esse campo da fantasia funciona como um real, que se imporá progressivamente na última parte do Seminário, sobretudo no cap. 22. Assim, finalizo este trabalho com indagações que me levaram a escrevê-lo: seria possível, a partir dessa afirmação de Miller, considerar que já neste *Seminário* abre-se uma janela para o chamado segundo ensino de Lacan? Seria uma janela para o real? Para a clínica do Real?

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Patrício. **Falar com qual corpo?** Textos VI ENAPOL, Novembro, 2013. Disponível em: <http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Textos/Hablar-con-cual-cuerpo_Patricio-Alvarez.html>. Acesso em: 02 jul. 2018.

CAMPOS, Sergio de. **Obesidade em jovens: a lógica psicanalítica de ganho de peso**. BH: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

CERVELATTI, Carmen Silvia. **O objeto e o grafo do desejo**. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise, Novembro, 2014. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

MILLER, Jacques-Alain. **Apresentação do Seminário 6: o desejo e sua interpretação**, de Jacques Lacan. Revista Opção Lacaniana Online, Julho, 2014. Disponível em: <www.opcaolacanianana.com.br>. Acesso em: 02 jul. 2018.

_____. Jacques Lacan. **O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação**. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise, Setembro, 2013. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

_____. IN: Jacques Lacan. **O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação**. RJ: Zahar, Ed, 2016.

